

**18° Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de julho de 2017, Brasília (DF)**

GT 5: As cidades no século XXI

**Os jovens em seu bairro. Efeitos de bairro e sociabilidades juvenis no
município de Águas Lindas de Goiás.**

**Yacine Guellati
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da
Universidade de Brasília (UnB)**

1. INTRODUÇÃO

O estudo foi realizado no município de Águas Lindas de Goiás, localizado na Área Metropolitana de Brasília e que possui fortes vínculos com o Distrito Federal, embora esteja situado espacialmente em Goiás. Justificou-se a escolha desse município, pois se trata de uma região ainda pouco pesquisada no âmbito das ciências sociais, sendo que neste território concentram-se diversas problemáticas urbanas (presença estatal reduzida, altos índices de homicídios, tendo como vítimas, sobretudo jovens, homens e negros) que fazem o município aparecer como um verdadeiro laboratório social na “periferia da periferia”. Foi eleito como foco da análise o bairro Cidade do Entorno, um dos mais antigos da cidade, localizado na parte interna oeste do município.

Visando uma análise mais aprofundada da complexidade dos espaços urbanos, e considerando a unidade espacial do bairro como objeto central deste estudo, optou-se, como objetivo geral, demonstrar a importância do bairro na construção e na reprodução de trajetórias de vida e de sociabilidades. Como objetivos específicos, buscou-se analisar o papel do bairro e de sua vizinhança no processo de socialização dos jovens residentes na localidade; observar as relações mantidas entre os jovens e esse território; compreender como se constroem as suas histórias de vida dentro desse contexto; e, por último, entender quais as formas de sociabilidade de bairro e como os jovens do bairro estudado “negociam” com as condições sociais que lhes são particulares.

Em termos metodológicos, optou-se por uma abordagem de caráter qualitativo, não sendo rejeitados dados quantitativos produzidos anteriormente. Desse modo, foi realizada uma pesquisa de natureza etnográfica, por meio de um processo de imersão total no campo observado, por cinco meses, entre agosto e dezembro de 2013. Como estratégia de adaptação a região estudada, foi realizada a inserção do pesquisador no meio escolar do bairro pesquisado.

Durante a pesquisa de campo, foram combinadas três técnicas de coleta de dados: a análise documental; a observação direta; e a elaboração de entrevistas semiestruturadas.

Por uma sociologia na escala do bairro

A cidade moderna se reconfigura e as relações que os indivíduos entretêm com o espaço e com o mundo social se modificam. Neste contexto indaga-se se as práticas locais desapareceram ou se tornaram mais fortes. Esses questionamentos resultam em respostas divergentes no campo sociológico contemporâneo segundo aponta Authier (2008), pois enquanto alguns mantêm uma visão dos bairros como local onde os vínculos sociais continuam estreitos e diretos, outros cientistas sociais analisam os bairros populares como locais de concentração da miséria urbana, geradores de efeitos identitários negativos por parte de suas populações, isso tanto em estudos norte-americanos, quanto em estudos europeus.

Recentes debates sobre o bairro como unidade territorial de análise procuram saber, até que ponto o bairro tem influência nas práticas e sociabilidades de seus moradores, ou em que ele contribui para estigmatizá-los. É crescente o debate nos EUA, Canadá e na França, em relação aos “effets de quartiers” ou “neighborhood effects” (BACQUÉ e FOL, 2006).

Neste estudo, optou-se pela definição do conceito empregada por Beaud (2003), para quem os “efeitos de bairro” podem ser observados por meio das representações, das práticas e das trajetórias dos indivíduos. Sob este ponto de vista, os bairros têm um papel socializador, por meio do qual os indivíduos adquirem maneiras de ver, de ser e de agir, que estruturam sua visão do mundo, suas práticas sociais e suas trajetórias.

Além de observar a cidade como um todo, considerando a sua configuração espacial, suas práticas, situações e movimentos, focou-se a análise etnográfica na escala do bairro. O principal motivo dessa escolha residia na persuasão de que ocorre um aumento da territorialização das práticas e das relações sociais. O “bairro” tem assim que ser compreendido além de sua definição genérica, como um “território povoado”, e devem ser consideradas as suas fronteiras, físicas, sociais e simbólicas. O bairro não deve ser entendido somente como um espaço geográfico, mas como um território com um forte papel socializador (RAMADIER, 2006). Nessa acepção devem ser analisadas as relações mantidas entre os indivíduos - no caso os

jovens - e esse território, e, sobretudo, a dualidade existente entre a mobilidade e a ligação com o bairro.

Em síntese, podemos falar em “efeito de bairro” quando o fato de morar em tal ou tal bairro influi nas trajetórias de vida dos moradores dessa localidade. Os “efeitos de bairro” podem ser tanto negativos como positivos, e eles podem e devem ser explicados por múltiplos fatores. O fator que aqui mais nos interessa, diz respeito às localidades onde a presença estatal e o acesso aos serviços públicos são deficientes ou inexistentes, casos presentes principalmente nos países da América Latina, e que fazem tais localidades aparecerem como “comunidades isoladas” (WACQUANT, 2005). Um último fator determinante para explicar a proporção do “efeito de bairro” diz respeito à imagem e ao imaginário construído pelos moradores sobre o seu bairro e sobre a reprodução que é feita de tal imaginário. Esses fatores, no entanto, podem ser observados concomitantemente, em uma mesma realidade (BACQUÉ e FOL, 2006).

Os “efeitos de bairro” podem ser observados seguindo uma concepção positiva, mostrando em que a dinâmica desses bairros populares é inclusiva, rompendo com o “mito do gueto” (GILBERT, 2011).

O bairro estudado nesta pesquisa apareceu de forma concomitante tanto como um espaço estigmatizado quanto como um espaço territorializado e defendido, e é o que será apresentado adiante.

2. UM ESPAÇO ESTIGMATIZADO

Ao focar a observação no bairro Cidade do Entorno, sobressalta a imagem de uma localidade onde a existência de serviços e equipamentos públicos é quase nula. Por inexistência de infraestrutura básica, o comércio no bairro é pouco desenvolvido e não existem áreas de lazer ou espaços de encontro determinados e estruturados, o que termina por prejudicar diariamente, sobretudo, a sua população mais jovem, confinada no espaço e com relativa dificuldade de mobilidade física para as demais regiões do município.

Assim, se as características negativas relacionadas ao município de Águas Lindas, já contribuem para criação de um estigma sobre a região e sua população, a situação específica deste bairro só reforça tal construção

simbólica negativa. Esta localidade aparece com frequência como um espaço estigmatizado, tanto no discurso do conjunto dos moradores do município, quanto nos discursos proferidos pelos moradores do próprio bairro.

Cabe então nesta seção compreender como ocorre a construção desse imaginário negativo, de que forma e por quem ele é reproduzido, e como os moradores locais, sobretudo os jovens do bairro, incorporam e gerenciam o estigma atrelado ao espaço em que habitam.

2.1. Dinâmicas do bairro e estigmatização territorial

Para Wacquant (2005) o sentimento de estigmatização territorial tende a prejudicar as estruturas sociais e as estratégias locais. O autor mostra que em bairros onde se acumulam males sociais, é necessário considerar a força e o impacto do estigma que pesa sobre os “novos condenados” da cidade.

Embora o bairro Cidade do Entorno não se diferencie muito dos bairros vizinhos criou-se e, é constantemente reproduzido, um imaginário coletivo negativo sobre a localidade. Essa estigmatização territorial coletiva se retroalimenta em uma dinâmica dupla: a desvalorização simbólica e a degradação física do bairro.

Para o conjunto de moradores de Águas Lindas, o bairro tem má reputação e é visto como um “reduto de problemas sociais e particularmente afetado por todos os tipos de criminalidade”. Ademais, os próprios moradores do bairro reforçam em seus discursos e falas o olhar negativo sobre a localidade.

A falta de uniformidade e de um traçado urbanístico mínimo é uma característica forte para quem adentra no bairro pela primeira vez. A numeração das quadras não segue uma lógica numérica, algumas quadras se repetem e o desenho das ruas, não segue um padrão linear, o que dificulta a mobilidade dos que não conhecem o local. Não há também nenhuma área definidamente zoneada, e assim destinada ao comércio ou ao uso residencial. Constroem-se casas e comércios sem ordenamento ou logística urbana.

A parcela do setor que se encontra mais próxima ao bairro Jardim Brasília - que representa espacialmente cerca de um terço do território - aparece de forma evidente, como a mais desservida por comércios, equipamentos públicos

e com ruas transitáveis, deixando os outros dois terços isolados e dependentes.

Os espaços arborizados no setor são inexistentes. Não existem tampouco praças, parques, quadras esportivas ou espaços de encontro. É frequente a formação de becos em lotes abandonados que passam a ser ocupados para diferentes usos. Uns servem de ponto de encontro e de socialização para as diversas “galeras” do bairro, outros se transformam em campos de futebol improvisados ou servem ainda de atalho para transitar entre as quadras.

Formas diversas de depredação do espaço físico foram constatadas no conjunto do bairro, como por exemplo, à depredação dos meios-fios, atribuída, sobretudo, aos “meninos que andam de skate”. Quando questionados sobre os motivos de tais atos, estes respondiam:

- “Vai falar que isso é asfalto? Asfalto é o que fizeram lá na BR e no Jardim Brasília. Esse asfalto aqui... vem a primeira chuva e leva tudo para baixo. Isso é asfalto é *tipo sorrisal*¹!”. (Kelly, moradora do Cidade do Entorno, 17 anos)

- “Não, isso é frescura do povo daqui. Quem quebra mais esses meios fios é os *bichos* que passam de moto nas torras! Já viu skate quebrar meio-fio?! E também, vivem acusando a gente [os jovens] de ser um bando de vagabundo, de se meter com droga, mas skate é esporte, *eles deveria* ficar feliz que a gente tá fazendo isso e não usando droga ou assaltando... e o *skate-park* que prometeram aqui pro Jardim Brasília?! Cadê?!” (Roberto, morador do Cidade do Entorno, 16 anos)

O aspecto físico geral do bairro é de um local poluído, com acúmulos de entulho em diversos cantos, sobretudo escombros de construções, mas também amontoados de lixos domésticos, orgânicos e outros. A coleta de lixo no setor não é cotidiana ou regular, uma vez que muitas das ruas são intransitáveis.

Por iniciativa de alguns moradores, foram instaladas caçambas improvisadas - estruturas elevadas feitas em madeira e metal - para o despejo de tais resíduos. No entanto, esses espaços tendem a ser depredados e/ou mal utilizados, uma vez que os resíduos não são depositados dentro, mas ao redor das estruturas, tornando esses espaços em locais insalubres e nocivos, principalmente para os que moram ou transitam próximo:

¹ Asfalto “sorrisal” faz referência a um medicamento efervescente que dissolve facilmente e rápido em contato com a água.

- “Aqueles depósitos, não adianta não, ninguém respeita nada, a ideia foi boa, mas os vizinhos jogam mais lixo ao redor que dentro da caçamba. E ninguém limpa aquilo, o caminhão de lixo quando passa diz que é entulho e que não recolher. Aí vai juntando mais e mais coisas. Já vi de tudo lá, sofá, TV, restos de comida, até um cachorro morto já vi! (João Pedro, morador do cidade do Entorno, 15 anos)

Como visto, o bairro Cidade do Entorno aparece para muitos moradores como um espaço desvalorizado, em que se estabelece a residência transitoriamente, na falta de opção melhor de moradia. Como sugere Bourdieu (2007): “o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que nele moram, e que, em retorno, o degradam simbolicamente”.

Os moradores quando indagados a falar sobre o bairro ou a cidade de Águas Lindas, criticam a sujeira das ruas e acusam a população local como responsável:

- “Os moradores aqui do entorno [o bairro] são diferentes... eles são assim, mais sujos, mais mal-educados sabe... antes eu morava no Jardim Brasília, era melhor...a gente se mudou pra cá por causa que meu padrasto mora aqui... mas eu voltava pra lá” (Roberto, morador do Cidade do Entorno, 16 anos)

Embora alguns jovens pronunciem discursos negativos relacionados ao bairro Cidade do Entorno, são principalmente os moradores mais velhos, muitos que moram no local há mais de 10 anos, que relatam a “perda de valores”, o “caos na cidade” e a “bandagem crescente da juventude local”. Segundo estes, Águas Lindas e mais ainda o bairro Cidade do Entorno viraram uma “terra sem lei”, e mais uma vez, os jovens são os principais bodes expiatórios dos problemas constatados.

No bairro Cidade do Entorno, ao cair da noite, impacta a escuridão do local, impressão esta que se reforça noite adentro pela falta de iluminação pública. A ausência de pavimentação das ruas, amplificava essa sensação pois a poeira levantada pelos veículos abrumava mais ainda a paisagem noturna da localidade.

Após o pôr do sol, chama a atenção a brusca queda na circulação de pessoas - tanto em dias úteis, quanto aos finais de semana - principalmente na parte oeste do bairro, onde o transporte público não chega. Ocorre um

aparente “toque de recolher natural” logo que a claridade se ausenta, movimento este que é legitimado pelos que moram no setor e aconselhado aos novatos no bairro. A partir das 20h, as ruas se desertificam até se tornarem espaços vazios, nos quais poucos moradores se “arriscam” a transitar. Entre os jovens entrevistados nesta pesquisa, poucos frequentam as ruas ao cair da noite, seja por proibição direta dos pais ou por receio do que possa acontecer.

À noite o bairro ganha um “segundo fôlego”. A maioria dos comércios - farmácias e mercados - fecham suas portas próximo às 18 horas e alguns botecos abrem suas portas. Muda também a dinâmica dos becos com relação ao período diurno. Se para uma parcela da população local, ao cair da noite, os becos são tidos como “trincheiras”, locais onde “não se deve passar” por correr riscos de sofrer alguma forma de violência observa-se nesse período uma maior circulação de pequenos grupos de jovens nos becos e seus arredores, ouvindo música e fumando. Cabe salientar, no entanto, que existe uma evidente masculinização da frequência das ruas à noite no setor.

Vários centros de cultos religiosos também funcionam mais ativamente no período noturno e em dias fixos. Ao findar os cultos, observam-se grupos de famílias voltando as suas residências em pequenos comboios.

Se a observação do esvaziamento e da “reconfiguração” espacial ocorre na maioria dos bairros de Águas Lindas - como se procurou observar de forma comparativa - ela é mais evidente no bairro estudado.

A desvalorização simbólica do bairro, adicionada a uma reprodução constante da imagem negativa do local, passa por uma intensificação dos fenômenos relativos à violência na cidade.

- “É muito difícil ser um jovem decente aqui em Águas Lindas. São muito poucos que *se salva* dessa juventude monstruosa. A maioria dos jovens de Águas Lindas cometem crimes, se drogam, *bebe bebidas* alcoólicas sem nenhuma moderação, essa é a visão dos jovens dessa cidade.” (trecho de uma redação de uma aluna do 3º ano do CEPF).

2.2. A violência como pano de fundo

Além dos dados que atestam de fato altos índices de homicídios no bairro Cidade do Entorno e territórios vizinhos, procurou-se entender como o fenômeno da violência é percebido e cultivado, através dos relatos dos jovens

da localidade, com o objetivo de tentar diagnosticar, que violência é essa e como ela aparece e termina por estigmatizar este espaço.

Os dois principais bodes expiatórios dos problemas do bairro Cidade do Entorno são: os jovens, frequentemente acusados, por seus pares e pelo conjunto dos moradores do setor; e os usuários de drogas, uma vez que sempre que ocorre no setor um homicídio ou uma tentativa de homicídio, logo declara-se “deve ser acerto de contas, disputa de território, dívida entre marginal...”.

Observa-se que ocorre de forma geral uma amplificação de tudo que lá acontece, sobretudo, quando o boato, a “fofoca” ou a notícia está relacionada com acontecimentos violentos.

A prática da fofoca envolve de forma recorrente atos “errados” semelhantes a “fulano bateu na esposa”, “ciclano saiu do presídio”, “beltrano levou pipoco e fugiu da região”. O campo semântico relacionado aos atos violentos aparece em todas as conversas, reforçando o temor e a sensação de insegurança já existente.

O que ocorre, no entanto, na maioria das vezes, é que as reais motivações de tais atos, demoram ou nunca são elucidadas. Enquanto isso, os boatos correm pelo bairro e pela vizinhança, aumentando a sensação de insegurança, ou nas palavras de Marina: “a matança de fim de ano recomeçou... tava demorando pra recomeçar, eu até estranhei”.

Os jornais locais são outro grande vetor de reprodução da violência e de amplificação da sensação de insegurança no setor. Repórteres da cidade destacam com frequência notícias policiais sobre o bairro Cidade do Entorno e assim contribuem para estigmatizar mais o bairro.

Como pesquisador e residente *in loco*, tive por vezes a sensação de que o fenômeno “violência” passa por um processo de ritualização e de exacerbação nos relatos cotidianos dos moradores da localidade. Diz-se isso no sentido em que atos violentos estão sempre nas pautas das conversas do dia-a-dia, fala-se mais de “violências” do que se vê e, o campo semântico relacionado a formas de violência está no vocabulário de todos.

Em sala de aula, os alunos sempre citavam a violência como um dos principais problemas de Águas Lindas. No entanto, ao aprofundar mais a discussão, sobressaía paradoxalmente, que poucos eram os que tinham diretamente sido vitimados por qualquer tipo de violência, assim como poucos

declaravam fazer parte ou conviver com “os que cometem a violência”. O que nos leva a pensar que a sensação de segurança ambiente é em grande parte fruto de uma “supervalorização da violência”.

Durante as entrevistas com os jovens, perguntei o que eles achavam da violência em Águas Lindas e no bairro em que eles moravam e obtive algumas das seguintes respostas:

- “É assim mesmo, é violência demais aqui. Muito acerto de conta, tráfico de droga, violência contra as crianças, bebedeira, briga de bar...” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)
- “Pra mim é o maior problema daqui... tem muitas dessas domingueiras, e lá rola de tudo, muito assim, putaria sabe, e bebedeira, e depois briga e assassinato” (Ricardo, morador do Cidade do Entorno, 16 anos)

No entanto, quando perguntado se eles já tinham presenciado ou vivenciado algum ato violento:

- “Na verdade não... é... parando pra pensar faz oito anos que eu moro aqui e eu nunca passei por nada não, graças a Deus. Mas mesmo assim, é violento, eu é porque eu sou na minha, mas quem vacila leva chumbo aqui. ” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)
- “Eu não porque eu não mexo com coisa errada. Quem se dá mal é quem anda com más influências, quem fica andando com os vagabundos. ” (Ricardo, morador do Cidade do Entorno, 16 anos)

Enquanto em um primeiro momento é relatada a imagem que lhes é imposta – a que correlaciona à juventude local com os problemas relativos à violência -- no decorrer das conversas, sobretudo quando das entrevistas aprofundadas, percebeu-se que muitos se preocupavam em desconstruir esse estereótipo.

- “Ah, mas violência também existe em todo lugar né. Não precisa vir pra cá pra ver isso não. Acham que aqui é como nas favelas lá do Rio, mas não é não...” (Giselle, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos)

2.3. Neutralizando o estigma

Mais nos interessa aqui saber como o peso simbólico da estigmatização é gerenciado pelos jovens que residem no bairro Cidade do Entorno. Se o olhar do pesquisador se virou para os jovens do setor, é porque são eles que mais

vivenciam o espaço e por consequência sofrem mais os efeitos da estigmatização territorial.

Como observa Wacquant (2005) o estigma ligado ao local de residência tende a impor aos indivíduos do local um status de “anomalia social” e implica que eles sejam simbolicamente “desprovidos do controle de sua própria representação e de sua identidade coletiva”.

Frente a essa realidade, criam-se diversos comportamentos distintos. Os que aqui serão analisados são os que testemunham uma vontade de “neutralizar” o estigma, de forma lúdica, irônica ou sarcástica (LEPOUTRE, 2001), como no exemplo a seguir:

[Terça, 5 de novembro de 2013] Em sala de aula, ao conversar com os alunos do 3ºano, estes começaram a relatar as diferenças entre “eles” e os “playboyzinhos de Brasília”. Perguntei se eles viam alguma diferença característica entre os jovens “daqui” e os “de lá” e várias respostas distintas surgiram, até que alguns evocaram a expressão “*pé de toddy*”. Intrigado, pois nunca tinha ouvido tal expressão, perguntei o que significava “*pé de toddy*” e a resposta foi dada pelo aluno Davidson:

“Professor o negócio é o seguinte, aqui em Águas Lindas não tem asfalto, principalmente aqui no “Entorno” [bairro Cidade do Entorno], então imagina quando chove, vira uma lama sem fim. Todo dia depois da escola eu vou *pro* meu trabalho que fica lá em Águas Claras. Eu tenho que caminhar, no meio da lama até a parada de ônibus, pegar um baú e em uma hora de estrada eu chego lá. Mas assim, “*pé de toddy*” é porque sempre os tênis dos meninos de Brasília vão estar mais limpos que o meu, entendeu? Por isso, *pé de toddy!* Pé sujo! (“*pé de merda*”, exclamavam os outros alunos). Você pode ter um tênis novinho, limpinho, branquinho, chegando em Brasília ele tá todo sujo, e todo mundo sabe que a gente é de Águas Lindas! Olha só teu tênis professor! Ninguém aqui tem o tênis limpo!” (Davidson, morador do Cidade do Entorno, 19 anos)

Como analisou Goffman (2010), sobre o comportamento do indivíduo estigmatizados: “para evitar esse isolamento [...] além de aceitar os estigmas impostos a ele, se vale de mecanismos para encobrir os “defeitos” de sua identidade social. ” (p. 20).

Outra forma de neutralizar o estigma, utilizada pelos jovens, é a exacerbação das classificações, o que Goffman (2010), explicou como, uma

forma de procurar os atributos negativos no outro para se descarregar do que afeta a si mesmo. Estas classificações aparecem com o objetivo de designar o outro em oposição à representação que é feita deles mesmo, e por eles mesmos.

Surgiram, de forma recorrente, três categorias de classificação relativas ao jovem: o “jovem da paz”, o “mala/peba”, e o “playboyzinho”. Quando perguntado a eles quais eram os traços característicos de cada uma dessas categorias, as definições em muito se assemelhavam. O *playboyzinho* é “o jovem que mora em Brasília”, “que vai pra escola particular” e “faz faculdade como a UnB”; o *mala ou peba* é “o jovem de Águas Lindas”, “que faz coisa que não presta”, “o moleque que se droga” e “que queima o filme da cidade”; por último, o *jovem da paz*, é quase sempre representado por eles, é “o que estuda”, “que respeita os pais”, “que sabe ser humilde”, e “que não se deixa influenciar por pessoas erradas”.

- “Eu fui em julho [de 2013] pras manifestações lá de Brasília, eu tava lá. Cheio de playboyzinhos (risos). Tá lá pra manifestar e reclama não sei do que (risos)... eles tem mó vida boa, não precisa trabalhar, vai pra faculdade de rico... acho que foram pra matar aula (risos)...” (Walter, morador do Cidade do Entorno, 22 anos)
- “Ainda temos vários jovens bons na cidade, tipo aqueles que não curte muito ir para festa de funk, como as domingueiras, que são um tipo de festa que atrai muita coisa errada... esses *peba* vão para caçar briga, usar drogas, bebedeiras, pega mulher... eles é que sujam a imagem da cidade... e tem os jovens de boa, da paz...sou mais desses” (Roberto, morador do Cidade do Entorno, 16 anos)

Foi interessante reparar também as percepções dos jovens de Águas Lindas à cerca das demais cidades periféricas do Distrito Federal. Assim, por exemplo, existe um preconceito forte com Ceilândia:

- “A maioria dos traficantes que tem aqui vem lá de Ceilândia, Samambaia... Estrutural às vezes... eles vêm aqui fugidos da Polícia, já que aqui é Goiás né. Aí depois eles vêm falar que é bandido daqui...” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

Em suma, vemos que enquanto em um primeiro tempo as características negativas relativas ao local de moradia são colocadas à frente, em um segundo tempo, os jovens pesquisados, se desvencilham dessa construção negativa da imagem local.

2.4 – Mobilidade e proporção do efeito de bairro

Acredita-se que avaliar a mobilidade é uma chave importante para medir a proporção do efeito de bairro, pois esta questão tem um papel central no que diz respeito a socialização e a aprendizagem dos jovens e adolescentes.

No que tange a mobilidade espacial, viu-se que de fato ela é relativamente limitada, sobretudo no que diz respeito à parcela mais nova dos residentes no bairro Cidade do Entorno (abaixo dos 15 anos). Estes últimos mostram-se mais confinados ao bairro Cidade do Entorno, e então menos “livres para ir e vir”.

Esse confinamento que limita a capacidade de mobilidade se explica por dois motivos principais: o primeiro diz respeito à falta de opção de deslocamento para o exterior do bairro, pois, como já mencionado, o Cidade do Entorno é desservido por opções de transporte público; o segundo motivo explica-se pela falta de condições financeiras da família, o que limita, não somente os deslocamentos em si, mas também o acesso a bens culturais não públicos.

- “Cinema eu só fui uma vez, e não foi aqui não, foi lá em Taguá [Taguatinga], mas faz *mó tempão*. Meus pais nunca têm muito tempo *pra levar nós pra lá*, eu até que eu queria ir sozinho... mas *se eles me pega, eles me mata*. ” (Tayson, morador do Cidade do Entorno, 13 anos)

Esta restrição da mobilidade incita os adolescentes a se “fecharem no bairro”, outros espaços parecendo-lhes cada vez mais inacessíveis. Isolamento que reforça a tendência desses adolescentes a aderirem a “galeras do bairro”, primeiras formas de gangues e por vezes primeiro contato com o mundo do crime, das drogas e da violência.

Em contrapartida, os mais velhos e principalmente os meninos, gozam de uma liberdade maior para se deslocar por Águas Lindas e entre os bairros.

- “Quando meu pai libera o carro, eu vou [para o Shopping] *mais meus irmãos*, senão eu *já fui de a pé mais o Paulo* e outros amigos do curso de informática... *nós foi lá*, beirando a marginal... ” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

Em síntese, calcule-se assim como “densa” a proporção do efeito de bairro que se exerce sobre os adolescentes do bairro Cidade do Entorno. Enquanto os jovens mais velhos utilizam-se de uma relativa mobilidade para

driblar as condições de vida desfavoráveis e a adesão ao mundo do crime, criando redes sociais e afinidades que não se restringem somente ao espaço físico que habitam.

Por fim, podemos dizer que o efeito de bairro e seus desdobramentos atingem, sobretudo, os adolescentes do local. Não querendo dizer com isso que todos esses estão fadados a adentrar e prosseguir seu percurso no mundo do crime. Pois como veremos a seguir, da mesma forma que o efeito de bairro pode levar a comportamentos “negativos”, criam-se também, por esse mesmo efeito, vínculos fortes em relação à localidade, que podem ser positivamente avaliados.

3. TERRITORIALIZAÇÃO E DEFESA DO ESPAÇO

Ao se fazer uma etnografia urbana, Agier (2011) defende que devem ser observadas as práticas cotidianas, as relações de sociabilidade, e, que a localidade não deve ser apreendida com uma totalidade, mas sim através de situações. Assim, o território não é um dado fixo e imóvel, mas o resultado de um processo de construção identitária, realizada por diversos atores e em diversas escalas. O território é então um espaço vívido e simbólico.

Com base nessa perspectiva buscou-se “entrar” no bairro Cidade do Entorno observando três focos principais: os lugares, as situações e os movimentos (Agier, 1999, p. 50-51). O objetivo, *in fine*, foi de compreender como os jovens “fazem o bairro” e de que maneira estes últimos redefinem constantemente o território como dispositivo cultural.

3.1. Construção simbólica do espaço social

É ao focar na compreensão da percepção que os jovens do setor Cidade do Entorno têm sobre o seu bairro, sobre a cidade de Águas Lindas e, sobre o Distrito Federal que percebemos como ocorre a construção do bairro como espaço simbólico notório.

Em um primeiro tempo, procurou-se entender, de que forma o bairro Cidade do Entorno surge como um espaço social simbólico em função das percepções que se constroem sobre este espaço e das relações sociais que nele se criam.

Águas Lindas, mesmo tratando-se de um município relativamente novo, e aonde, ainda, o fluxo de idas e vindas de sua população é grande, constatou-se que, uma parcela importante dos jovens pesquisados vive na região desde o nascimento, ou pelo menos, desde a infância. Para estes, o município é tido como um espaço de construção de sonhos, de possibilidades de melhoria de vida, e de maiores perspectivas para como muitos dizem “ser alguém na vida”.

Ademais, seja por vínculos sociais primários, de ordem familiar, ou por vínculos sociais secundários, como as amizades, a convivialidade, a prática da vizinhança e demais formas de criação de vínculo afetivo, os jovens - tanto as crianças como os adolescentes - mantêm fortes laços com o bairro e não querem se desvincular.

- “Gosto de Águas Lindas pelo fato de que eu tenha crescido aqui, e pelo fato dos meus amigos morarem aqui também, tem coisa que falta sim, como lazer e segurança, mas eu me relaciono com todos aqui, conheço todo mundo da minha rua e isso é legal, até *os que mexe com coisa errada eles me respeita.* ” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

- “Mais tarde eu me vejo morando aqui, ter minha família, meu trabalho... eu gosto daqui... eu nasci aqui e todo mundo que conheço é daqui. Falam de Brasília sempre, mas aqui a cidade tá crescendo e ficando cada vez melhor de ano em ano, só tá precisando melhorar mesmo a segurança né, e também abrir mais empresas para jovem aprendiz que querem crescer na vida” (Karolina, moradora do Jardim Barragem II, 17 anos)

Nessa perspectiva a localidade é construída e vista por seus habitantes, sobretudo os que aí cresceram, como um local de enraizamento e um território a ser defendido e valorizado.

- “Tem muita gente que fica aqui na cidade porque tem esperança que Águas Lindas vai crescer né... e tá crescendo né... *até que já tem um shopping*, as lojas tão crescendo.” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos)

- “Não gosto dessas pessoas que chega e só fala mal da cidade, critica sempre, mas também não faz nada para mudar. Eu vejo Águas Lindas como uma oportunidade. Para muitos aqui é longe de tudo, mas eu não acho. Aqui eu tô perto da cidade grande [Brasília], vou poder fazer um curso, estudar, ter um trabalho legal, coisa que eu não tinha onde eu morava antes.” (Ricardo, morador do Bosque, 17 anos)

Há uma confluência de dois fluxos migratórios para região. Bem que exista um importante fluxo migratório para Águas Lindas de pessoas oriundas do DF, há também um não menos importante fluxo migratório de populações originárias de áreas rurais, sobretudo do Nordeste brasileiro, que vem para a região em busca de condições melhores de vida.

Assim, enquanto para os que vêm de áreas urbanas, mais desenvolvidas, como as que existem no DF, vir para Águas Lindas tende a ser interpretado como um “retrocesso”; para as populações migrantes oriundas de áreas rurais, mais isoladas e pobres, Águas Lindas e sua relativa proximidade do DF, significam uma oportunidade de melhores condições de vida e de crescimento em relação as oportunidades de estudo e trabalho:

- “Lá onde eu morava antes [Tocantins] não tinha como crescer, assim, só se você quiser trabalhar na roça e eu e meus irmãos a gente não queria isso né, e assim não dá muito lucro pra viver hoje em dia. E eu sempre quis fazer um curso... eu quero entrar no exército... arranjar um bom emprego, e lá onde eu morava não tinha isso, era uma cidade pequena, pacata, não tinha oportunidades pra gente crescer.” (Ricardo, morador do Bosque, 17 anos)

- “Eu adoro morar aqui, faz só um ano e meio que eu tô aqui..., antes eu morava no interior de Minas, lá sim era longe de tudo. Aqui parece que é longe, mas né não, primeiro porque a cidade tem quase tudo e segundo porque Brasília nem é tão longe... eu acho.” (Ivonete, moradora do Cidade do Entorno, 18 anos)

O bairro Cidade do Entorno e seus bairros vizinhos são por muitos de seus jovens habitantes vistos como espaços de pertencimento e de interconhecimento.

Por interconhecimento, considera-se que existem relações de solidariedade entre os vizinhos que fortalecem justamente a construção de um sentimento de pertencimento em relação ao local em que se reside e as pessoas com quem se convive. Defende-se, por exemplo, por muitos jovens da localidade, o caráter humilde e batalhador da população local:

-“O povo aqui é humilde, mesmo tendo dificuldades de emprego, poucas oportunidades de lazer, e uma educação de pouca qualidade... os jovens correm atrás das oportunidades, para não ficarem reféns dessa situação” (Gisele, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos)

- “Eu gosto daqui do jeito que é, *apesar dos apesares*. As pessoas são batalhadoras. Elas sabem dos problemas, mas mesmo assim tentam sempre

melhorar a cidade, fazer ela crescer. ” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

O bairro Cidade do Entorno pode ser visto como um espaço relacional de interconhecimento, pois os jovens sentem-se crescendo em um meio conhecido.

- “O bom no entorno [o bairro] é que eu conheço muita gente, aí eu me sinto protegida quando eu ando por aqui. ” (Kelly, moradora do Cidade do Entorno, 17 anos)

Em suma, vimos que o bairro Cidade do Entorno constitui-se como espaço simbólico, carregado de significações, e onde se constroem sentimentos de pertencimento e de interconhecimento, que estes servem de proteção contra os estigmas atrelados ao local e impostos aos seus habitantes, sobretudo os jovens.

Tornou-se então necessária uma aproximação maior dessas “galeras²” juvenis buscando entender como esses jovens circulam, apropriam-se do bairro e como o espaço físico é investido e ocupado.

Observa-se que apesar dos problemas presentes no bairro Cidade do Entorno e da ausência de equipamentos e espaços públicos destinados ao lazer, os becos, as ruas e as esquinas são investidos e transformados - pelo menos momentaneamente - para estes fins. Tais espaços constituem-se como *lócus* de trocas intensas, nos quais os jovens e as crianças do setor reúnem-se para brincar, conversar, compartilhar afinidades, namorar ou “ficar de boa”.

Alguns espaços, no entanto, são mais territorializados, demarcados e reivindicados por certas galeras, passando a adquirir fronteiras invisíveis, circunscrições imaginárias e sendo disputados entre grupos rivais. O território, por conseqüente, aparece como forte elemento de suas construções identitárias e sociabilidades diversas.

Um local específico aparece no setor Cidade do Entorno com uma aparente organização invisível e também como um espaço reinventado. Trata-se de um terreno desocupado e que se situa por entre ruas residenciais.

² Por “galeras” entendem-se grupos que expressam suas identidades não somente por afinidades e formas de consumo, mas também pela ocupação de espaços físicos. Diferentemente das “tribos urbanas” as “galeras” tendem a ser mais territorialistas, no entanto, não se deve assimilar aqui as “galeras” e as “ganguês” (ANDRADE, 2007)

Surgem nesse espaço ações territorializadas, em função de identidades distintas. Assim, diversas “galeras” disputam pelo uso desse espaço, como por exemplo, os roqueiros e os funkeiros.

3.2. Cultura de rua e ethos adolescente

Cabe a esta parte analisar como se constrói esta cultura de rua adolescente, e quais são os seus principais pilares e características. Ao se falar de ethos adolescente, considera-se a maneira de “ser” e de “se comportar” característica dessa faixa etária³.

Ao indagar os adolescentes sobre a imagem veiculada sobre a cidade, embora apareça ainda com frequência a ideia de cidade violenta, o setor é, sobretudo, um lugar de moradia e de criação de lembranças e de amizades.

- “Oxe, eu brinco com meus vizinhos sim. A gente brinca de queimada, joga bola na rua, anda pela vizinhança e fica olhando as novinhas (risos)” (Tayson, morador do Cidade do Entorno, 13 anos)

Outra característica que sobressai da observação é a presença importante de crianças do sexo feminino, ocupando as ruas e que contrasta com a presença menos marcante, de adolescentes de sexo feminino frequentando esses mesmos espaços. A “masculinização” na ocupação na rua ganha força a partir dos 13 ou 14 anos, as meninas, tornando-se adolescentes deixam de frequentar, não somente a rua, mas os meninos também.

Mostrou-se interessante também o processo de “ruptura”, por vezes forçado, que os jovens se impõem no período (impreciso) entre a adolescência, e a vida adulta.

- “Minha mãe diz que quando eu era criança eu era o capeta. Eu aprontava muito, vivia brincando na rua com os meninos da vizinhança. A gente jogava bola, soltava pipa, bola de gude, tocava na casa do vizinho e corria... aí eu aproveitava, já que eu era menina e eu era assim bem pequena [...] eu fazia isso até os 6, 7 anos, depois tive que crescer né, tinha meu irmão pequeno aí eu tinha que ajudar minha mãe a cuidar da casa” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos)

Vimos anteriormente que por conta de uma mobilidade espacial relativamente reduzida, os adolescentes tornam-se mais confinados ao bairro,

³ Considera-se aqui como adolescentes os jovens, em média, acima de 13 anos e até 16 anos.

e em consequência, são eles que tendem a desenvolver uma ligação maior com os espaços físicos e a formar os espaços simbólicos da localidade.

Em meio a uma densa proporção do efeito de bairro aliada a uma forte cultura territorialista, certas galeras formam-se mais em função da localidade do que em função de afinidades, origem social ou religião, como é o caso da “galera de pichadores”.

Pichações podem ser vistas em vários pontos dos bairros Jardim Brasília e Cidade do Entorno. Estas são obras de duas galeras rivais de pichadores: a FGE, formada por jovens do Cidade do Entorno e a AS, formada por jovens do Jardim Brasília. Ao entrevistar um ex-integrante da FGE, este me relatou como os adolescentes são atraídos para entrar nessas denominadas “gangues”:

- Assim, eu tinha uns 14 anos, tinha um cara que morava na minha rua, ele era pichador, conhecido na cidade [...] aí, um dia, depois da aula eu tava voltando pra casa, e tem um dos meninos da rua quem vem falar comigo e me diz que o Tubarão, que era o apelido do cara né, tava me procurando e queria falar comigo. Daí eu fui lá conversar com ele né, e ele veio com aquele papo de eu entrar pra gangue dele sabe, e disse que assim eu ia ficar conhecido na cidade e que as pessoas ia me respeitar. Na época, como eu nem tinha nada pra fazer mesmo eu me juntei com eles, só depois que eu fui parar pra pensar que na real eles fazem isso é pra que a gente compre os sprays para eles mandaram nossas assinaturas. Cada um tinha o seu nome, a sua assinatura né [...] eu fiquei até meio conhecido na cidade... [...] eu fiquei nessa gangue uns 2 anos, eu saí porque começou a dar problema... porque assim, eu fazia isso meio que escondido sabe, meus dois irmãos mais novos não sabiam..., mas eles ficaram sabendo e se juntaram com a gente... (Wilson, morador do Cidade do Entorno, 18 anos)

A falta de opção de lazer tende a aproximar esses adolescentes do mundo das drogas. Não sendo o principal fator responsável, mas reforçando o aliciamento praticado por demais habitantes da região:

- “No começo foi assim, mais pra brincar né, mas ai eu acabei por me desencaminhar... ai fiquei uns que uns dois anos mexendo com pichação, mexendo um pouco com droga também...” (Wilson, morador do Cidade do Entorno, 18 anos)

3.3. Entre afinidades e rivalidades

Além da galera de pichadores do Cidade do Entorno, destacaram-se demais galeras na localidade. Nesses demais casos, as afinidades/rivalidades

criaram-se em função de dois estilos musicais predominantes do bairro pesquisado: os “roqueiros” e os “funkeiros”.

Ambas galeras se criticam mutuamente, para a “galera do funk”, os roqueiros e as roqueiras são sinônimo de “sujeira” e assimilados ao “capeta”. Já a “galera do rock” crítica na “galera do funk” as músicas “sem conteúdo”, e de cunho “vulgar”, “a submissão da mulher” e a “apologia a bandidagem”.

Entre ataques e trocas de farpas, persiste a defesa de cada estilo musical. Os roqueiros defendem o rock como um estilo musical clássico, de origem estrangeira e “que conquistou o Brasil”, “auxiliando o país no desenvolvimento da democracia”. Para os funkeiros, o funk aparece como o “som da periferia”, a “voz dos excluídos”, um “rap para dançar e para paquerar”.

Quanto à ocupação do espaço físico do bairro Cidade do Entorno, ela é motivo de disputa entre essas duas galeras, no que diz respeito a um beco que se encontra perto do colégio estadual do bairro Cidade do Entorno e que em função do dia passa a adquirir fronteiras invisíveis e circunscrições imaginárias

Entre as afinidades e rivalidades formam-se também dois grandes grupos que ora se opõem, ora se apoiam: os católicos e os evangélicos. Deve-se destacar que, nesse caso, a rivalidade ultrapassa o universo dos jovens. Os embates entre evangélicos e católicos ocorrem entre os adultos de Águas Lindas, chegando até mesmo a provocar debates fervorosos entre os representantes de cada uma dessas comunidades religiosas. Tal debate fervoroso opondo católicos e protestantes influencia os jovens e os adolescentes do município.

Com base nessas últimas observações, vemos que o bairro Cidade do Entorno surge como um espaço simbólico, com suas características e singularidades. Aqui a localidade não é mais estigmatizada, ou, do estigma territorial não se faz a definição principal. O bairro é vivido, ocupado, nele criam-se histórias de vida, relacionamentos interpessoais em diferentes escalas, formam-se afinidades e também rivalidades. O Cidade do Entorno ganha vida e os efeitos de bairro são vistos em seu ponto de vista positivo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, sobressaiu deste estudo a complexidade interna do bairro observado: o Cidade do Entorno. Assim, por um lado o bairro aparece como um espaço estigmatizado, o que se traduz pela desvalorização simbólica do bairro e a degradação do espaço físico por sua população, em círculo vicioso. Constatou-se também que a estigmatização territorial, atrelada ao bairro, prejudica as estruturas sociais e as estratégias locais. Além de existir também uma supervalorização da violência – por meio da circulação de fofocas e reforçado por uma mídia local sensacionalista - assim a definição do bairro é sempre relacionada a violência, o que estigmatiza seus habitantes. Essas observações aparecem como sinais da forte proporção negativa dos efeitos de bairro devido à mobilidade urbana limitada que afeta, sobretudo, a população mais jovem do local.

Por outro lado, viu-se que o bairro estudado aparece como um espaço territorializado e investido, no qual pôde ser constatada uma construção simbólica positiva e defensora do bairro e de sua população. O bairro constitui-se para muitos como um espaço de sonhos, de lutas e de solidariedade. Prevalece no território uma relação entre vizinhos de pertencimento e de interconhecimento. Observou-se que existem diversas formas de territorialização, sobretudo por parte das “galeras” jovens, que criam no local, espaços investidos e redefinidos. Deste ponto de vista, o bairro aparece como um local de enraizamento e um território defendido e valorizado, onde prevalecem efeitos de bairro positivos.

Em suma, a despeito de uma realidade social marcada pela violência urbana e pela vulnerabilidade social o bairro estudado aparece como um espaço com múltiplas formas de sociabilidade juvenis e resultantes dos “efeitos de bairro”.

Por fim, esta pesquisa teve por ambição, mostrar a pertinência de estudos que utilizam como escala de análise, não somente a cidade, mas territórios e bairros; a necessidade de aumento de estudos de caráter qualitativo tendo por enfoque as “periferias das periferias”, ou seja, as regiões que se formam além das áreas periféricas das grandes metrópoles brasileiras atuais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, M. L'invention de la ville. Banlieues, townships, invasions et favelas. Paris: Editions des archives contemporains, 1999.
- AGIER, M. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- ANDRADE, C. C. D. Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal. Brasília: Tese de Doutorado em Antropologia Social - Unb, 2007.
- AUTHIER, J.-Y. Les citadins et leur quartier. L'Année Sociologique, v. 58, n. N° 1, p. 21-46, 2008.
- BACQUÉ, M.-H; FOL, S. Effets de quartier: enjeux scientifiques et politiques de l'importation d'une controverse. In: AUTHIER, J.-Y., et al. Le quartier. Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales. Paris: La découverte, 2006. p. 181-193.
- BEAUD, S. 80% au bac. et après? Les enfants de la démocratisation scolaire. Paris : La découverte, 2003.
- BOURDIEU, P. Effets de lieux. In: BOURDIEU, P. (org.) La misère du monde. Paris: Points - Essais, 2007
- GILBERT, P. "Ghetto", "relégation", "effets de quartier". Critique d'une représentation des cités. Métropolitiques, Fevereiro 2011.
- GOFFMAN, E. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2010.
- LEPOUTRE, D. Coeur de banlieue. Codes, rites et langages. Paris: Odile Jacob Poches, 2001.
- MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. D. (org.). Jovens na Metrópole. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- RAMADIER, T. Mobilité quotidienne et attachement au quartier: une question de position? In: AUTHIER, J.-Y.; BACQUÉ, M.-H.; GUÉRIN-PACE, F. Le quartier. Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales. Paris: La découverte, 2006. Cap. 10, p. 127-138.
- WACQUANT, L. Parias urbains. Ghetto, banlieues, État. Paris: La découverte, 2005.